

Natália Strucchi

O presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), Edson Nunes, garantiu que o extinto Provão não era um mecanismo de avaliação eficaz e, portanto, não deve ser levado em consideração nas distribuições de bolsas de estudo do Financiamento Estudantil (Fies) e do programa Universidade para todos, o ProUni. "O Provão não era um bom instrumento para se testar a qualidade das instituições. Por isso não deveria ser citado agora nestas críticas", enfatiza o professor, que é pró-reitor da Candido Mendes.

Nunes se refere à polêmica que vem sendo criada por conta das 87 bolsas de ensino oferecidas pelo Ministério da Educação (MEC) no ProUni e pelas 74 bolsas autorizadas para o Fies, ambos os casos em cursos reprovados várias vezes no antigo Provão. "Quando o aluno tirava uma nota ruim, não significava que a instituição também fosse ruim", analisa Nunes.

Ele lembra que com o novo modelo de avaliação, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), os resultados devem aparecer em alguns anos. "Já com o Enade vamos precisar de alguns anos até que se complete um ciclo. Até conseguirmos ver realmente um resultado. O que sei é que essa é uma boa hora para conversarmos sobre educação", comenta.

Para o professor, os alunos que estudarem em instituições reprovadas não serão prejudicados. "Não podemos falar que esses alunos, tanto do ProUni, quanto do Fies, serão prejudicados ao estudar nessas instituições. Esse é um processo longo que, na minha opinião, mal começou. É uma questão complicada, e eu não tenho uma resposta simples para isso", argumenta.

Para alunos, Provão não avaliava bem

O presidente do Diretório Central Estudantil (DCE) da Universidade Gama Filho, José Carlos Brasil, possui a mesma opinião de Nunes e garante que as bolsas devem continuar sendo distribuídas. "Todo mundo sabe que o Provão não avaliava nada. Não era um bom mecanismo", critica. O estudante afirma que a própria Gama Filho vem passando por problemas por causa da má avaliação do extinto Provão. "Nosso curso de Direito está passando por problemas devido a essa fama do Provão. Alunos estão trancando matrículas, erradamente, por causa disso", declara. Para José Carlos, o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Sinaes) é bem diferente do anterior. "O Sinaes é totalmente diferente", resume.

Já para o reitor da Universidade Federal da Paraíba, Rômulo Polari, o sistema de avaliação atual não é muito diferente em relação ao Provão. "O Enade continua avaliando o corpo docente, instalações, e na verdade, só mudou no que diz respeito aos alunos. Agora é feita uma avaliação por amostragem, no começo e no final do ano", explica o reitor, que ainda vê defeitos no exame.

"O Enade não é perfeito, afinal nada é perfeito, mas acaba dando conta do serviço pois é usado um critério bom", garante. Apesar dos elogios, Polari acha estranho que o MEC disponibilize bolsas em cursos reprovados. "Realmente, à primeira vista, isto é uma grande contradição. Parece que a lei do bom senso não está sendo seguida. É complicado que esses cursos passem pelo crivo do MEC", analisa. O reitor afirma que além da inclusão social, é preciso qualidade. "Se temos que pautar a inclusão, devemos nos preocupar também com a qualidade. O importante não é só ter um diploma, ser mais um, e acho que apesar de tudo, o MEC sabe disso e se preocupa", defende.

Segundo o ministro da Educação, Fernando Haddad, o Sinaes vai ajudar bastante na avaliação dos cursos. "Até o final deste ano o Sinaes vai avaliar todos os 18 mil cursos do país. A partir desta avaliação, poderemos descredenciar as universidades ou cursos que não tenham qualidade", prometeu o ministro em entrevista.

Haddad admitiu que o melhor seria incluir esses alunos em instituições públicas. "Esta questão não é tão fácil de se lidar. É óbvio que, se pudéssemos escolher, preferimos que as universidades sejam públicas e gratuitas. Mas quanto mais instituições um país tiver em seu solo, melhor", comentou.

Para o ministro, a prioridade do MEC deve ser zelar pela qualidade dos cursos. "Durante algum tempo houve uma expansão do ensino superior desenfreada e sem controle e, com o Sinaes, pretendemos resolver esta situação que foi criada em anos anteriores", lembrou Haddad, que também falou das instituições particulares de qualidade. "Muitas instituições particulares já oferecem cursos de qualidade, e se preocupam com o futuro, qualificando os seus quadros. A mentalidade de que a qualidade não importa já está mudando, porque as instituições sabem que o MEC vai apontar para a opinião pública, se for o caso, quem não tiver qualidade para dar aulas".